

Sarney repudia pressões externas

por Maria Helena Tachinardi
de Brasília

O primeiro dia da sexta reunião ministerial sobre meio ambiente na América Latina e no Caribe, que se encerra hoje, no Itamaraty, começou com um incidente diplomático que causou irritação ao governo brasileiro.

O presidente José Sarney, que abriu ontem o encontro, do qual participam dezesseis ministros da região, não gostou do "tom impositivo e paternalista" do discurso "inadequado" do diretor-executivo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), o egípcio Mostafa K. Tolba. O pronunciamento, lido por Genady Golubev, também representante da ONU — Tolba não pôde comparecer porque sofreu um infarto —, explicita medidas que os países da região deveriam tomar para proteger a ecologia e coloca o México como exemplo a ser seguido por-

que tem realizado audiências públicas para discutir o meio ambiente.

Em seu discurso, Sarney não rebateu publicamente as palavras de Tolba, mas logo após o término da sessão disse à imprensa que o discurso foi "inadequado".

"A problemática nossa é uma problemática inteiramente diferente. O Brasil acha que está interpretando os sentimentos da América Latina e do Caribe quando não deseja colocar dentro do problema ambiental os problemas que afetam a nossa soberania. Nós todos, nossos países, foram constituídos à base de uma resistência contra o jugo colonial. De maneira que não podemos aceitar uma forma de colonialismo que se está querendo criar de interferência em nossos negócios internos", declarou o presidente.

Em seguida, determinou ao secretário-geral do Itamaraty, embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, que

formalizasse o protesto brasileiro. Isso foi feito diretamente a Golubev e por meio de declarações aos jornalistas do chanceler Roberto de Abreu Sodré. O ministro reafirmou a posição de Sarney de descontentamento em relação ao discurso e reiterou que o Brasil repele qualquer interferência em seus assuntos internos.

Depois de dar sua sugestão para que da reunião de Brasília saia um plano de ação regional, cujo formato caberá aos governos presentes decidir, Tolba salientou os pontos que gostaria de ver incluídos no documento: a ligação entre crise econômica, dívida externa e falência da ecologia; a necessidade de se proteger as reservas indígenas através de planejamento; a participação pública; e a informação pública.

O diretor-executivo do PNUMA também sugere a troca da dívida por proteção ambiental ("debt for

nature swaps"), como a que está sendo realizada no Equador e na Costa Rica. Tolba fez uma observação a respeito, dizendo saber que sua sugestão já recebeu "uma forte rejeição" por parte de Sarney e de outros governos latino-americanos, porque seu escopo pode constituir-se numa "inaceitável interferência em assuntos soberanos", de um lado, e, de outro, porque o problema da dívida passaria a merecer uma atenção menor do mundo. Apesar disso, Tolba considera importante não ignorar completamente essa possibilidade.

O presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Enrique Iglésias, comentou o assunto lembrando que "dívida externa é dívida externa, meio ambiente é meio ambiente. A ligação só poderá se dar se o país em questão se interessar pela alternativa". Iglésias considerou o discurso de Sarney "forte e vigoroso" e

explicou que o BID não fala em "condicionalidades" para conceder empréstimos, mas em "diálogo cooperativo".

Tolba disse ainda que o mundo está certo ao demonstrar preocupação com a destruição da floresta amazônica e que os países da região devem preocupar-se com o uso exagerado de combustíveis fósseis pelos países desenvolvidos.

"Ambos os processos estão contribuindo, em diferentes níveis, para o efeito estufa", acrescentou.

O presidente, em seu discurso, enfatizou que "coube aos países subdesenvolvidos contribuir com a mais trágica das poluições, a poluição da pobreza e todas as formas de exploração de que foram vítimas os povos ao longo dos séculos, e com a poluição colonial, escravizadora, desumana e cruel.

Sarney disse que "os principais obstáculos à so-

lução da questão ambiental residem na iniquidade das terríveis desigualdades existentes, no fosso entre ricos e pobres, na deterioração dos termos de troca, no crescente protecionismo nos países industrializados e no insuportável peso da dívida externa, que transformou os países em desenvolvimento em exportadores líquidos de capital".

Depois de afirmar que "é sobre os países industrializados que recai a responsabilidade primordial pela reversão do processo de degradação ambiental", o presidente acrescentou que "o tom emocional do debate (sobre meio ambiente) assume por vezes caráter acusatório, maniqueísta e demagógico, que em nada serve à promoção da causa ambiental".

Sarney citou, entre as ações que o governo vem promovendo, o programa "Nossa Natureza" que será lançado no próximo dia 6.